

Análise do Comércio Externo do Setor Elétrico e Eletrónico Janeiro – Junho 2025

1. Análise da Economia Portuguesa – Balança Comercial

No 2º trimestre de 2025, as exportações portuguesas diminuíram 1,2% em relação ao período homólogo. Em termos acumulados, o 1º semestre do ano ainda aponta para um crescimento de 3,1%, em relação ao mesmo período no ano passado. No entanto, quando excluídas as transações sem transferência de propriedade (TTE), observa-se um decréscimo de 0,6% neste período.

Por sua vez, no 2º trimestre de 2025, as importações aumentaram 6,5% em relação ao período homólogo. O que contribuiu, em termos acumulados, para as importações do 1º semestre de 2025 aumentarem 6,9%, em termos homólogos. Mas, mais uma vez excluídas as transações sem transferência de propriedade (TTE), este crescimento situa-se nos 4,1%.

2. Análise do Setor Elétrico e Eletrónico

JANEIRO / JUNHO 2025

SUBSETORES	SAIDAS (EXPORTAÇÃO)		Δ %	ENTRADAS (IMPORTAÇÃO)		Δ %
	2025	2024		2025	2024	
Máquinas, Equip. e Apar. Industrial	422 292 868	277 377 440	52%	557 703 566	547 376 081	2%
Fios e Cabos Isolados	435 405 210	404 206 719	8%	194 066 106	188 701 435	3%
Cablagens	177 482 812	190 427 418	-7%	195 342 743	191 520 908	2%
Aparelh, Sist. Medição e Autom.	39 538 505	30 536 354	29%	79 076 560	75 401 586	5%
Telecom, Eletrónica Prof e Inform.	455 103 053	459 177 051	-1%	1 146 857 064	1 065 724 551	8%
Componentes Eletrónicos	452 640 167	412 761 345	10%	1 210 788 103	997 859 531	21%
Acumuladores e pilhas	84 100 601	65 222 094	29%	153 995 710	141 801 795	9%
Lâmpadas e material p/ Iluminação	7 975 543	8 020 452	-1%	92 749 474	84 583 216	10%
Aparelhagem Ligeira de Instalação	262 483 178	298 268 171	-12%	347 100 478	314 314 437	10%
Eletrónica de Consumo	157 994 594	814 966 757	-81%	278 142 208	551 977 251	-50%
Eletrodomésticos	187 439 228	187 444 001	0%	459 821 954	407 623 559	13%
TOTAL	2 682 455 759	3 148 407 802	-15%	4 715 643 966	4 566 884 350	3%

Fonte: INE- N°s Provisórios

2.1 Exportação de Equipamento Elétrico e Eletrónico por Subsetor

O primeiro semestre confirma dados do 1º trimestre do ano de queda acentuada nas exportações do Setor elétrico e eletrónico, onde o subsetor da Eletrónica de Consumo é de longe o mais atingido (-81%), seguido da Aparelhagem Ligeira de Instalação (-12%).

No caso da **Eletrónica de Consumo**, uma vez que os smartphones e computadores foram posteriormente excluídos das tarifas americanas de 20%, logo a 11 de abril de 2025, deverão ser outros os produtos eletrónicos afetados (como televisores, câmaras fotográficas e de vídeo, ecrãs, colunas de som, rádios, etc.). Ainda assim,

Portugal exporta relativamente pouca eletrónica de consumo para os EUA quando comparado com outros setores (farmacêuticos, maquinaria, cortiça, têxteis, etc.), pelo que acreditamos que seja a vulnerabilidade a choques externos de um mercado de nicho mais reduzido como os EUA, a principal causa para esta diminuição; isto é, o clima de tensão comercial que já se havia manifestado no 1º trimestre criando insegurança nos investimentos e contratos comerciais continuou, afastando importadores e complicando relações comerciais menos sólidas, reforçadas ainda pela ameaça do pacote de contra-medidas da UE.

Felizmente, a exclusão de smartphones e computadores aplicou-se também a componentes eletrónicos, fazendo com que as exportações deste subsector tenham registado um saudável crescimento de 10% em termos homólogos.

Já no caso da **Aparelhagem ligeira de instalação**, ou seja, o material elétrico de baixa tensão (como cabos, tubos de cobre, componentes elétricos, etc.), as suas exportações foram diretamente afetadas pelas novas tarifas impostas pelos EUA no 1º semestre de 2025. A imposição atual de 50% sobre cobre e componentes elétricos intensivos em cobre, em particular, resulta num aumento significativo dos custos de exportação para o mercado dos EUA.

Também as **Cablagens (-7%)** sofreram com a implementação de uma tarifa de 25% sobre todos os automóveis e peças automotivas importadas pelos EUA. Além disso, existe o efeito indireto, pois Portugal fornece para modelos produzidos em outros países, o que resulta num efeito dominó de aumento de custos ao longo da cadeia de valor, uma vez que as exportações de outros países da UE para os EUA também diminuíram.

Notas positiva para o facto do subsector **Telecom, Eletrónica Prof e Informática** não ter sido tão afetado (-1%), também pela sua maior resiliência e para o crescimento elevado de outros subsectores, a recuperar do abrandamento de 2024, como **Máquinas, Equip. e Apar. Industrial (52%)**, **Acumuladores e Pilhas (29%)**, e **Fios e Cabos Isolados (8%)**.

2.1.1 Exportação por Zonas Económicas e Países Clientes

A diminuição das exportações do Setor, focada em determinados grupos, verifica-se geograficamente na diminuição das vendas para os EUA (-17,1%), PALOPs (-5,1%) e países da EFTA (-17,1%).

Relativamente aos outros subsectores, em crescimento, as vendas concretizaram-se no aumento para **Países Terceiros (14,2%) e UE (9,6%)**.

Dentro da UE, destaque para o crescimento em termos homólogos das exportações para principais parceiros como a **Alemanha (12%)**, **Espanha (11%) e França (8%)**, com exceção da **Itália (-1%)**, mas também para países com menor peso cômputo global, mas com tendência a crescer, como a **Holanda (25%) e República Checa (25%)**.

Os países que acusam mais abrandamento enquanto países de destino com peso relevante são a **Suécia (-18%) e Reino Unido (0%)**.

A diminuição das vendas para os **PALOPs** tem subjacente a diminuição das exportações para **Angola (-0,6%)**. Destaque ainda, no continente africano, para o aumento em termos homólogos das vendas para **Marrocos (32%)**.

No grupo Asiático, cujo crescimento nas vendas de **47%** representa uma subida de 0,7pp no seu peso no total das exportações, observa-se o maior crescimento homólogo de exportações para Taiwan (120%), - ultrapassando a China como principal destino de exportações, seguido de **Singapura (42%)** e por fim, **China (16%)**.

2.2 Importação de Equipamento Elétrico e Eletrónico por Subsetor

As importações do Setor mantiveram um crescimento de 3% em relação ao 1º semestre de 2024, havendo uma diminuição geral repartida pelos subsectores, onde a concretização das tarifas no 2º semestre terá tido efeitos diretos e indiretos, mas ainda assim, de amplitude reduzida.

O efeito direto mais visível de diminuição é justamente na **Eletrónica de Consumo**, onde as compras diminuíram 50%. Os restantes subsectores registaram crescimento mais moderado que no 1º trimestre, que atribuímos sobretudo a maior contenção geral na economia pela instabilidade criada. Na análise que fazemos em seguida, vemos que as importações aos EUA até aumentaram, antecipando compras durante o período de suspensão, e antes do aumento definitivo em Agosto.

De resto, subsectores como **Telecom, Eletrónica Prof e Inform. (8%), Componentes Eletrónicos (21%) Aparelhagem Ligeira de Instalação (10%) e Eletrodomésticos (13%)** revelam uma dinâmica de consumo satisfatória.

2.2.1 Importações do Setor por Zonas Económicas e Países de Origem

O crescimento modesto de 3,2% das importações em termos homólogos tem subjacente um **aumento mínimo** de 0,4% das compras à EU, bem como de apenas 3,2% das compras ao Sudeste Asiático, o segundo grupo com maior peso (22%) a seguir à EU;

De facto, as compras antecipadas aos EUA assumiram o protagonismo, registando um aumento de 59,5% em termos homólogos enquanto Países Terceiros, uma alternativa de diversificação sempre mais procurada nestes períodos de crise, proporcionaram um crescimento de importações de 10,6% em termos homólogos.

Dentro da UE, a diminuição das compras ocorre sobretudo à **Alemanha e França (-2%) e Itália (-10%)**. Mais resilientes, embora não elevados, verificam-se aumentos nas compras à **Holanda (7%) e Espanha (2%)**.

Dentro dos países do **Sudoeste Asiático**, são os aumentos nas compras a **Taiwan (16,3%) e Singapura (39,1%)** que asseguram um volume de importações ligeiramente maior (3,2%) em termos homólogos, uma vez que a **China**, o principal país de origem, vendeu **-2%** para Portugal, tal como a **Coreia do Sul (-3,8%) Tailândia (-16,3%)**.

Esta diminuição nas compras ao Sudeste Asiático, e à China em particular, estão relacionadas com vários fatores: um deles, é que a União Europeia tem intensificado a aplicação de medidas anti-dumping contra produtos chineses; outro, tem a ver com a descoberta de depósitos estratégicos na Península Ibérica, como terras raras e lítio - minerais fundamentais para tecnologias emergentes - dando origem a uma mudança de

estratégia por parte da própria China, que investe em Portugal – caso da gigafábrica de baterias da CALB no porto de Sines – substituindo-se importações por produção no país e havendo benefícios para ambas as partes.

Mais importante: de uma forma geral tem-se assistido a uma **tentativa de reconversão das cadeias de abastecimento tentando priorizar fornecedores mais próximos** e considerados aliados, a fim de reduzir a dependência de áreas geograficamente distantes.

É o caso das empresas da UE, mas também do próprio Sudeste Asiático, em especial a China, que também está a reorientar parte significativa da sua produção para mercados mais próximos — especialmente ao nível intraregional, como ASEAN — diminuindo as exportações para a Europa.

3. Perspetivas

PIB	2025	2026(p)
MUNDO	3,0	3,1
EUA	1,9	2,0
UE – ZONA EURO	1,0	1,2
Alemanha	0,1	0,9
França	0,6	1,0
Itália	0,5	0,8
Espanha	2,5	1,8
Reino Unido	1,2	1,4
PORTUGAL	2,0	1,7
Brasil	2,3	2,1
China	4,8	4,2
India	6,4	6,4
Japão	0,7	0,5
Rússia	0,9	1,0

Fonte: WEO FMI – Julho 2025

No final de julho de 2025, o FMI anunciou a revisão em alta das suas previsões económicas. Uma antecipação mais forte das transações comerciais do que o esperado, tarifas efetivas médias nos EUA mais baixas do que as previstas em Abril e uma melhoria nas condições financeiras, com um dólar mais fraco e expansão fiscal nalguns países, foram as principais causas para o sucedido.

A revisão ligeira em alta é feita para todos os principais blocos económicos mundiais, com uma **melhoria da previsão de crescimento** neste ano de 0,2 pontos percentuais na Zona Euro, de 0,1 pontos nos EUA, no Japão e no Reino Unido e de 0,8 pontos na China.

No entanto, relativamente à zona euro, é assinalado que metade da revisão em alta de 0,2 pontos percentuais se deve “a um aumento historicamente elevado das exportações farmacêuticas irlandesas para os Estados Unidos, resultante de antecipação de encomendas e da abertura de novas unidades de produção”.

De resto, a UE e a zona euro enfrentam atualmente um panorama modesto, mas resiliente, de crescimento suave (após relaxamento das tarifas), inflação em descida e déficits estabilizados. Assim, na zona euro, estima-se um PIB real de 0,9 % em 2025 e de 1,4 % para 2026, este último impulsionado por consumo e recuperação do investimento, onde os compromissos de revisão da despesa deverão ter influência.

Para Portugal, o FMI não alterou as suas projeções de Primavera, prevendo que a economia portuguesa cresça 2% neste ano e 1,7% em 2026 e 2027. Esse valor reflete uma economia mais dinâmica do que a média da zona euro, apoiada pela recuperação sustentada do emprego e pela solidez das exportações, sobretudo de serviços. No entanto, o Banco de Portugal (BdP) não está tão otimista, tendo revisto em baixa as perspectivas de crescimento do PIB em 2025 para apenas 1,6%, depois de conhecida a contração em cadeia do crescimento do 1º trimestre; entretanto, houve uma ligeira recuperação no 2º trimestre do ano.

Relativamente aos principais parceiros, a Alemanha precisa urgentemente de reverter o seu ciclo de estagnação, o que se espera suceda com um plano de investimentos em infraestrutura e defesa já acordado.

Espanha continua a ter um destaque positivo no bloco de países da UE, mas enfrenta desafios estruturais como produtividade limitada e alto desemprego.

Apesar desta melhoria global das previsões, o FMI continua a lembrar os riscos associados à grande incerteza, à escalada das tensões geopolíticas e às debilidades orçamentais reveladas por países como os EUA, França ou Brasil, pelo que “o equilíbrio precário das posições de política comercial assumidas no cenário de base pode ser perturbado”.

Serviço de Economia e Associativismo
ANIMEE